

# Território expandido: Marcus Vinicius na Ilha da Pólvora, ES

*Expanded territory: Marcus Vinicius on Ilha da Pólvora, ES*

Rafael Gonçalves Marotto  
(PPGA-UFES)  
José Cirillo  
(PPGA-UFES)

**Resumo:** Este texto investiga o percurso artístico do performer capixaba Marcus Vinicius de Souza Santos (1985-2012), especialmente seu trabalho executado na Ilha da Pólvora, localizada em Vitória, Espírito Santo. Os trabalhos intitulados “Território Expandido I” e “Território Expandido II” fizeram parte e fundamentaram a sua construção de um trabalho de conclusão de curso durante sua trajetória no curso de Artes Visuais, realizado na Ufes, em 2007. Buscaremos a identificação de como o seu corpo e enredo são construídos como matéria de seu trabalho, num processo que se torna obra. Com uma abordagem metodológica de natureza básica e procedimento investigativo bibliográfico-documental, centrado nos métodos Críticos de Processo de Criação, de Cecília Salles, objetivam-se alguns aspectos da mente criadora, apontando tendências e intencionalidades do seu projeto poético.

**Palavras-chave:** Ilha da Pólvora; Marcus Vinicius; território expandido.

**Abstract:** This text investigates the artistic career of the Espírito Santo performer Marcus Vinicius de Souza Santos (1985-2012), especially his work on Ilha da Pólvora, located in Vitória, Espírito Santo. The works entitled “Território Expandido I” and “Território Expandido II” were part of and supported the construction of a final course work during his trajectory in the Visual Arts course, carried out at Ufes, in 2007. We will seek to identify how his body and plot are constructed as the material of his work, in a process that becomes the work. With a basic methodological approach and bibliographic-documentary investigative procedure, centered on the Critical Methods of the Creative Process, by Cecília Salles, we aim to examine some aspects of the creative mind, pointing out tendencies and intentions of his poetic project.

**Keywords:** Gunpowder Island; Marcus Vinicius; expanded territory.

DOI: <https://www.doi.org/10.47456/rf.rf.2132.49258>

## Introdução

Dizer sobre Marcus Vinícius é mergulhar em um universo. Mas qual universo é esse que as obras de arte podem proporcionar? A verdade é que a resposta é universal. Os trabalhos produzidos por MV concretizam um espaço imaginário que se transforma em arte. Eles nos convidam a mergulhar no profundo e misterioso, como um buraco negro, revelando uma distopia – um universo similar ao nosso, mas que nos permite questionar a vida e nossa interpretação dela. Esse processo é enriquecido pela mente criativa de um artista que, movido por seus desejos e anseios, transformou suas personalidades em obras artísticas.

Promovendo um debate além de seu tempo, Marcus Vinícius nasce em Vitória, capital do estado do Espírito Santo, no Brasil, e constrói, ao longo de cinco anos, um acervo artístico que ultrapassa o seu período de produção e que, às vezes, pode ser lido ou apresentado como curto. Suas performances, vídeos e ações em território capixaba fazem com que a sua territorialidade e local de crescimento sejam revisitados, colocando a ação performática em destaque nas construções que se passaram e nas futuras que aqui surgiram e iriam surgir. Marcus Vinícius falece em 2012, em Istambul, Turquia, com apenas 27 anos de idade.

O artista conseguiu se destacar e transformar sua personalidade e seu inconsciente em matéria artística, com um percurso que transita entre o novo e o bibliográfico. Seus arquivos de processo são verdadeiras obras literárias, repletas de uma perspectiva pessoal digna de crônicas escritas por Rubem Braga e um corpo único e potente como uma escultura de Carlo Crepaz. São trabalhos dignos de uma construção talvez taxada de simplista, mas complexa em mensagem.

Caindo na mesmice de adjetivar Marcus Vinícius como algo que beira a prepotência. Mas, assim como o artista permitia esvaziar seus pensamentos durante uma construção performática, nós não nos preocuparemos com o exagero de qualidades atribuídas. No decorrer deste texto, vamos nos aprofundar nos detalhes de execução artística de MV. Vamos analisar os trabalhos que foram executados com pólvora e na Ilha da Pólvora, localizada na capital de seu nascimento, Vitória/ES. Mas, reafirmamos, Marcus Vinícius, com sua genialidade, não se limitou ao que será explanado.

## Como tudo começou: da Ilha à Pólvora

As ações espelham uma busca do meu próprio interior, resíduos do corpo, da cidade. Antigos trabalhos também se transformam em resíduos e se juntam à pólvora, poeira, lágrimas e lembranças, na criação de uma massa com a qual dou forma, materialidade, a essa busca (Santos, 2007, p. 43).

Em 2007, Marcus Vinícius publicava/entregava seu trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado: Dos mapas à Ilha: novas descobertas e possíveis apontamentos. O documento apresenta um conjunto de ações executadas

entre 2006 e 2007, mas com resquícios do aprendizado na licenciatura em Artes Visuais, iniciada em 2005, na UFES. Por mais que esse não seja de fato o início dos trabalhos de MV, até mesmo porque antes o artista participava de um coletivo artístico, o fruto resultou de um gigantesco planejamento por parte do performer e podemos até destacar como algo ambicioso. Em sua entrega de trabalho, o artista descreve os processos de construção do conjunto de trabalhos e os seus sentimentos ao produzi-los.

No início do texto, o artista destaca que a pesquisa não pretende ser um registro de todas as suas ações performáticas, mas sim uma ótica de vida que transpassa suas ações ou percursos e objetiva o desenvolvimento de uma sensibilidade a partir de sua ótica enquanto indivíduo e artista (Santos, 2007). Tal pensamento faz com que Marcus Vinícius se torne um pouco ingênuo, até com a proporção que seu trabalho tomaria e estava caminhando para tal. Essa ótica voltada para a sensibilidade e a demonstração de uma perspectiva faz com que MV se torne distante dos futuros leitores de seus trabalhos, por apresentar algo que é pessoal, bem como aproxima seus trabalhos do público, por possuir uma individualidade que todos possuem.

Mas, antes de nadar mar adentro e encarar esse local abandonado, vale uma pequena apresentação do que seria a força motriz de Marcus Vinícius (MV).<sup>1</sup> Ao construir seu texto de conclusão de curso, MV destaca que a pesquisa registra:

[...] ações realizadas durante a minha trajetória artística a partir de 2005. São ações em que os conceitos de espaço/tempo e suas relações com a performance se fazem presentes de forma reflexiva, permitindo uma apropriação desses conceitos como condutores de todo o processo de produção e reflexão das/nas obras vistas aqui (Santos, 2007, p. 7).

Com uma construção performática, destacamos “Território Expandido I” [Ilha da Pólvora] e “Território Expandido II” [Edifícios da Fundação] que, nas palavras do artista, se autocompletam. Acreditamos que essa complementação se dá por se tratar de trabalhos que partiram de visitas à Ilha da Pólvora, sendo uma destinada aos registros do entorno do espaço – um trabalho bastante próximo ao cartográfico, com o mapeamento – e a outra para registros performáticos executados nos edifícios abandonados, onde antes era o Hospital de Isolamento Oswaldo Monteiro, e Edifícios da Fundação Professora Georgia Ramalho. (Figura 01)

Antes de adentrarmos esses espaços e apresentarmos os trabalhos performáticos produzidos por MV, vale uma pequena interpretação do motivo por trás da escolha desse espaço. O artista comenta, em seu relato de construção de pesquisa, que, desde o cursar da graduação, já havia interesse em fotografar espaços abandonados localizados em Vitória: “Eu realmente estava procurando novas direções e ambientes que produzissem satisfações

---

1 A abreviação MV está sendo aplicada a Marcus Vinícius como construção de referência à forma como os conhecidos e amigos do artista o chamavam. Essa referenciação parte de uma questão cultural, devido ao modo como a sociedade expressa carinho e afeto nos tratamentos pessoais.



Figura 01. "Território Expandido I", Ilha da Pólvora, Marcus Vinícius, 2006. Fonte: GAEU, Acervo do Centro de Artes, Ufes.

sensoriais. Essa nova busca me levou a iniciar um processo de mapeamento de espaços abandonados e subutilizados na cidade de Vitória... uma experiência nunca antes vivida" (Santos, 2007, p. 18).

Quando tentamos compreender o motivo por trás da escolha da Ilha da Pólvora para execução de tal ação e, de certa forma, para a construção de um texto que beira um memorial para sua entrega de trabalho final da licenciatura em artes visuais, compreendemos que os apontamentos erguidos por Ostrower (1987) constroem sentido no fazer artístico de Marcus Vinícius. A pesquisadora descreve que somos seres culturais e que somos formados individualmente, a partir de nossas vivências e de nossas experiências em ambiente social, mas que também somos reflexos de uma coletividade, de algo que é circunscrito em nossos hábitos.

MV descreve seus primeiros contatos da seguinte forma:

A descoberta acidental por alquimistas que procuravam pelo elixir da imortalidade foi semelhante à descoberta desse menino que começava a brincar com fogo. Por acaso, ou talvez não. Estava presente na memória, lembrança das festas de São João e das noites nos terreiros de umbanda na companhia do meu pai.





Figura 02. L14 [da série território], Marcus Vinícius, 2007, Pólvora sobre papel [em construção] 21 x 29,7 cm.  
Fonte: GAELU, Acervo do Centro de Artes– Ufes. Fotografia de Marcus Vinícius.

Realizei uma série de intervenções artísticas sobre papel. Experimentações. Era como se utilizasse a pólvora para brincar com o perigo, muito mais pelo resultado que o fogo pode construir do que pelo grau de ameaça embutido no processo. A excitação provocada é única, e o abismo entre a quantidade de tempo e de trabalho utilizada em sua preparação e os poucos segundos em que ocorre a explosão perfaz uma lembrança inesquecível que é parte do próprio trabalho conceituado muito além da construção e da dramaticidade momentânea (Santos, 2007, p. 18).

Descrever a pólvora, um produto inflamável, explosivo e responsável por catástrofes, com tanto amor e sagacidade, é algo a ser destacado na construção artística de MV. A paixão pela pólvora e por seus resultados artísticos impressionantes podem ser observadas nos desenhos produzidos pelo artista, utilizando e experimentando o material (Figura 02).

Na figura 02, observamos um registro fotográfico do processo de preparação para queima. Tal fotografia foi retirada pelo artista e alocada em seu TCC e nas exposições que aconteceriam, o que comprova que MV possuía um anseio pelo registro de seu processo, de sua memória e de seus ideais artísticos.

As experiências com a pólvora e o conhecimento de outros artistas que utilizavam o mesmo equipamento como fonte de materialização de ideias são exemplos de como Marcus Vinícius estudou o elemento e concretizou seus propósitos. No seu TCC, o artista menciona Chang Chi Chai, Felipe Barbosa, Cai Guo-Qiang e Marlon de Azambuja, com seus trabalhos, e compreendemos como interpretação e inspiração para sua execução na Ilha da Pólvora.



Figura 03. L03 [da série território], Marcus Vinícius, 2007, Pólvora sobre papel 29,7 x 21 cm. Fonte: Gaeu, Acervo do Centro de Artes – Ufes.

A queima da pólvora sobre papel rendeu resultados impressionantes aos trabalhos do artista, que descreve suas experiências com os materiais utilizados e superfícies que foram encontradas para obter o resultado que futuramente seria apresentado ao público. Os frutos desenvolvidos beiram o acaso e o planejado, são ilustrações que formam cartografias imaginárias semelhantes aos mapeamentos fotográficos obtidos pelo artista quando executou “Território Expandido I” e experimentações na graduação, desde a sua entrada em 2005 na UFES (Figura 03).

Ricardo Gonzaga, curador da exposição intitulada Ilha da Pólvora, realizada na Galeria de Arte Virginia Tamanini, em 2007, descreve os trabalhos como:

Na série de desenhos, a pólvora incandescente, co-autoral, incontrolável e imprevisível, desvela, descobre as cartografias de novos mundos: ilhas, penínsulas, golfos, enseadas e baías, acidentes geográficos que devoram o papel, lambendo sua pele com língua de fogo e fazendo surgir reentrâncias e saliências, resíduos e resquícios da terra virgem originária – a folha em branco –, para fascínio e deleite, penso, do próprio descobridor, MV, nesse momento único, de revelação, do processo de criação (Gonzaga, 2007).

Tais características apresentadas pelo professor/pesquisador reafirmam os preceitos que aqui foram erguidos: Marcus Vinícius é um desbravador.

Aqui, exploro a pólvora como agente de intervenção artística no papel. Realizo a produção dessas intervenções sem nenhum conhecimento técnico em relação ao artifício. E desde o início mantenho uma relação de risco ao produzir os trabalhos. Há o afastamento e o medo da queima (Santos, 2007, p. 13).

É claro que a escolha da Ilha da Pólvora transpassa os interesses e até mesmo a coincidência de um material utilizado para construção de ilustrações. Na verdade, o espaço se identifica com a procura momentânea de Marcus Vinícius.

Os trabalhos apresentados aqui operam e remetem a uma série de metáforas que suscitam questões pertinentes a contemporaneidade: risco, território, isolamento, memória, morte, o outro; que tanto contribuíram para uma vagarosa construção, ainda em movimento, de uma poética pessoal. E é em meio a tantas linguagens que se entrecruzam que as ações surgem. Da queima. Construção pela desconstrução. Ecos da passagem entre estados que se transmutam e se modificam entre a matéria e o volátil (Santos, 2007, p. 07).

Os riscos enfrentados são caracterizados pela forma inerente como MV caminha pelos espaços da ilha. Destacamos tal afirmativa pelos riscos a que o artista estava sujeito e pela forma como seu corpo transitava entre os espaços de construção performática. Quando observamos a série de registros intitulada “Território expandido I”, verificamos que a queima da pólvora permanece de forma suntuosa e intensa. Nas ações executadas, o artista destaca:

Quando produzia as intervenções em papel, sempre me protegi mantendo certa distância da pólvora. Era o medo da queima. Medo por não ter nenhum domínio sobre o material, que verdadeiramente não se pode dominar. Na ilha, o medo não existia e a o contato com a pólvora se tornou íntimo.

[...]

Nas ruínas do Hospital do Isolamento, descobri que a pólvora havia se tornado a minha doença e que ali seria tratada, tal como a tuberculose e a hanseníase era a doença daqueles que partiram para a ilha em busca da cura incerta, se não, na maioria dos casos, impossível (Santos, 2007, p. 28).

Quando Marcus Vinícius destaca suas rotinas com a pólvora nos edifícios da ilha, percebemos haver um contato bastante intimista por parte do artista e que, da mesma forma como se dava início a uma execução performática, encerrava-se, também, uma página nos processos de construção em arte de MV, como se, a partir dali a pólvora não fosse mais utilizada, como transparece nos escritos do artista. As palavras descrevem um sufocamento por parte da pólvora, mas que esse sentimento emergente deveria ser ultrapassado. Todo o processo de queima foi registrado e montado como se fosse exibição de filmes, permitindo-nos adentrar o espaço e o habitat que MV pode nos oferecer.

O modo como a pólvora queima nesse registro fotográfico conduz a uma reflexão sobre a forma imprevista e autêntica que MV objetivava em sua construção, são resquícios de uma mente genial em funcionamento. Podemos observar tal potência na exibição videográfica intitulada O imprevisível, o acaso e o que não se sabe,<sup>2</sup> postada em 2011, mas que foi construída na Ilha da Pólvora. A forma como MV molda seu corpo de forma transparente e eficaz são fatores de destaque, e a maneira como escolhe apresentar esse corpo se torna fonte inegável de preparo e mente em construção.

O artista descreve o seu corpo nu como uma forma de conduta dos espaços ao extremo, como se ali estivesse vulnerável ao acaso e ao momento, muito mais do que uma ausência de roupa, é uma condição de momento.

E ainda acrescenta:

Investigar o próprio corpo, apresentá-lo nu, investigar suas potencialidades sensoriais, significa transgredir um dos principais tabus da nossa sociedade, que regula cuidadosamente, por meio da proibição, a distinção entre o corpo e a alma.

Na ilha, o corpo adquire o estatuto de um desconhecido de quem há de ir aproximando-se até conhecê-lo em suas vibrações mais profundas. Tornei-me irreconhecível. Não manifestava reações à queima, ao fogo, aos escombros, nem a ninguém. Buscava o equilíbrio para me comunicar e ao mesmo tempo preservar algo do meu próprio eu (Santos, 2007, p. 29).

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tTtB5LzFBGc&rco=1>. Acesso em: 27 mai. 2024.



É como se o artista se descrevesse em um processo autodidático no qual a aprendizagem acontece na forma como se pratica, se executa. O corpo de MV apresentado nu (Figuras 01 e 04) é uma ferramenta de autoconhecimento, de entendimento do local e espaço de ocupação e de como transpassar essas barreiras, já que ali havia diálogos entre o acaso e o planejado, entre o feito e não executado, entre a matéria e a ausência dela.

Um dos pontos mais marcantes de seu texto é como descreve o tempo que, nas palavras dele, assume um status apaziguado e lento, abstratamente, como fonte de questionamento durante a sua execução. O tempo para MV é quase um sentido intuitivo. Nas performances de “Território Expandido I” e II tomam forma os sentidos que ultrapassam a compreensão humana, talvez uma força individual que se ocupa e exige uma vivência individual.

Quando o espaço separa processos de subjetivação desejantes, o tempo se estende, por vezes, no limite da espera. A espera de que? Por outro lado, quando o tempo se alonga, espaços parecem se reduzir até que, tornando-se quase coincidentes, a implosão se torna inevitável. Mas, se o espaço acontece – investido de memória e sentido –, o tempo voa, e se o tempo tem certeza de seu fim, como espera, o espaço quase deixa tocar (Santos, 2007, p. 07).

Descrever suas concepções em processo temporal é compreender que, durante a execução, houve uma retirada de pensamentos e ideias, um esvaziamento da caixa preta que movimenta o corpo em funções comparativas com o vivenciado, ou até da forma como construímos analogias com o que já foi executado. Alguns artistas abstratos têm adotado esse recurso durante sua construção poética, como Jackson Pollock, que evitava ao máximo pensar enquanto executava seus trabalhos. MV também se apropria desse ideal para que seu corpo se torne livre, e talvez até seja a resposta para o tempo. O tempo que nos move pode ser controlado. E esses fatores ficam mais cristalinos na execução de “Território expandido II”.

Nas execuções performáticas de “Território Expandido II”, o artista destaca pareceres de uma força, de um movimento surgido no ciclo de performance. O artista escreve:

No Edifício das Fundações a memória esteve presente desde o início do processo de mapeamento. Atraído pelos vestígios da ocupação e memória ali pré-existente, comecei a resgatar parte dessa história nos documentos e objetos abandonados por todos pavimentos do edifício.

Documentos, registros, bilhetes, textos, todos datilografados em máquinas de escrever a algum tempo substituídas por equipamentos eletrônicos de tecnologia avançada. Tudo jogado pelo chão em meio a umidade do lugar, atraindo ratos, pombos e baratas.

A papelada encontrada, datada de 1985, ano de meu nascimento, traz inúmeros registros de nomes de moradores de diversos municípios capixabas, documentos estes que foram abandonados pela Assembléia Legislativa, em meados de 2000 (Santos, 2007, p. 34).

Essa percepção ambígua do tempo como algo volátil, mas controlável, faz presença a partir do momento em que MV decide que pode conter. A queima de arquivos datados no passado diz sobre a pólvora e sobre a Ilha da Pólvora, diz sobre o agora, a memória do passado e futuro. É uma forma ritualística de extermínio registrado, ou seja, não se apagou. São formas de ter contato com a vida dos que ali viveram – e alguns até pereceram naquele espaço –, como forma de dizer: a partir de agora se tem outra oportunidade, outros caminhos que podem e devem ser percorridos.

Os caminhos de execução de MV o levaram a experimentar a queima da pólvora nesses documentos e, a partir daquele momento, os arquivos tomariam outro fim. Uma eternização de vida e de presente contínuo. MV, enquanto percorria o espaço e transformava sua performance em matéria, descreve uma tentativa de experiência que transporta seu corpo para o momento em que o espaço foi construído e quando assumia a função que era projetada. Essa colocação de corpo como forma de vivência descreve como MV possibilitava uma experiência que, de fato, transbordava as barreiras de tempo e espaço.

Em sua descrição do espaço, o artista afirma:

Percorri todos os pavimentos do edifício, mais uma vez munido da pequena caixa trazendo pólvora e fósforo. Caminhava nu e descalço pelos andares devastados. Lá pisei em cacos de vidro e fezes de animais. Desviei de restos mortais de pombos, invadindo este lugar por eles há tempos habitado, antes da morte. Não via e não sentia nada. Cortes e arranhões não eram sentidos. Sentia apenas a energia pulsante daquele lugar e o calor da pólvora junto ao meu corpo.

No Edifício das Fundações, realizei uma série de 17 ações utilizando novamente a pólvora como ativador de memória. Aqui a memória torna-se uma conquista, comporta contradições e rupturas, está em constante gestação e se reestrutura a cada nova experiência vivida (Santos, 2007, pp. 34-35).

Essa conexão com a estrutura dos edifícios faz com que os leitores de seus arquivos de processo possam experienciar o que MV tem a oferecer. Sua narrativa é tão concisa que, se não estivesse sendo entregue como TCC, poderia facilmente ser confundida com um recorte de romance literário, em que o cenário narrado, antecessor ao enredo, está sendo apresentado aos leitores. Isso faz também com que os leitores de seus registros, e acreditamos que se torna físico com os registros fotográficos, possam vivenciar sua performance em uma imersão que pouco a pouco conquista e resgata os leitores para uma conexão com seus trabalhos. Esse foi o sentimento que nos foi despertado.

Ainda sobre o tempo e o percurso traçado, MV relata:

A explosão que acontece no momento da queima da pólvora resgata um pouco da luz perdida no tempo, no tempo daquele espaço. E revelam também a verdadeira paisagem deste lugar, que não é apenas aquela que vemos de concreto, carpetes, tijolos e divisórias: a imagem autêntica da

paisagem do Edifício das Fundações é a visão que tenho do movimento dialético que esta faz entre dois tempos no mesmo lugar. As janelas abertas, a luz que penetra nos espaços devassados, tudo pretende criar um espaço aberto à dialética, para compor e configurar com o entorno edificado, novos dispositivos de percepção (Santos, 2007, p. 35).

Retomamos o recorte que apresentamos anteriormente sobre as práticas de MV se aproximarem de um ritual. Não acreditamos que essa foi a intenção, ou que observamos essas intenções com presença contínua nos trabalhos que formam a trajetória de MV. Mas a forma como descreve seus sentimentos, suas emoções, suas percepções, a denúncia do abandono ali cometido e como a luz da pólvora (que é associada à explosão e à destruição) se transforma em luz e até gera uma esperança para o local do abandono induzem nossa interpretação ritualística. Não no sentido ocidental, voltado para o endeusamento ou adoração de personalidades sagradas, ou pedidos e preces em troca de sacrifícios. Na verdade, percebemos uma prática de ritual bastante pessoal. Como se MV estivesse, com seu corpo e essência, transformando suas ideias e expulsando seus sentimentos, estivesse em processo de encontro, autoconexão e libertação.

Podemos compreender essa observação e até acreditamos que faz mais sentido, quando o seguinte excerto é extraído:

Acredito que estas ações acionam, de modo cada vez mais veemente, uma força motriz indagativa sobre este corpo frágil, fragmentado que disputa teu espaço na cidade contemporânea... que segue em busca da não conformação do senso comum, trazendo à tona o que neste há de paradoxal. Elas nos afirmam que não se trata, tal qual no passado, de diluir o gesto artístico numa utopia política distante, ou de aceitar o campo estético como promessa de felicidade, mas sim de refazer, a todo instante, sob o crivo da igualdade, as condições com que operamos, sensível e politicamente, o espaço do comum (Santos, 2007, p. 36).

A forma como MV descreve o espaço e suas experiências nos leva a pensar que sua interpretação sobre o campo de atuação é individual e, afirmativamente, percorre um desejo de autodescoberta e experimentação, que nos faz refletir sobre as construções físicas e a própria arquitetura das cidades. O processo de MV de caminhar sobre espaços rejeitados ou inutilizados nos possibilita compreender que, quando adentra ou penetra nos resquícios de vida, há uma certa indagação das formas e caminhos que o ser humano desenvolveu com o tempo. Como se sua identidade, transpassada em performance, buscasse respostas nos caminhos que já foram percorridos.

Essa identificação com a arquitetura vem da própria forma como o artista caracteriza o espaço: grandioso. MV foi grandioso ao elaborar seus atos performáticos e registros em um espaço que merece atenção. Durante sua



Figura 04. "Território Expandido II" [Edifícios da Fundação], Marcus Vinícius, 2007. Fonte: GAEU, Acervo do Centro de Artes – Ufes. Fotografia de Mariana Alvarez.

descrição sobre o local, caracteriza-o como abandono e descaso, adjetivos que suprimem o aproveitamento do espaço ou o próprio investimento público ali presente. É uma crítica político-social que permite construir analogias com seu próprio corpo. E a pólvora ali acendida seria de fato uma esperança mediante um encerramento (Figura 04).

Observamos que as performances intituladas "Território Expandido II" [Edifícios da Fundação] são um resgate de momento e intensidade. O registro aqui apresentado ilustra um apreço territorial e uma descontração com a casualidade. A forma como resgata a memória impregnada nas paredes abandonadas da Ilha da Pólvora é um reflexo de como o ser humano contemporâneo abandona, substitui e reinventa possibilidades de existência. Ao mesmo tempo, afirma que o abandono não exclui a vida ou apaga a história.

Quando Marcus Vinícius descreve esses espaços de sociabilidade e de encontro, deparamo-nos com o seguinte excerto:



Todos os momentos vivenciados na Ilha da Pólvora e no Edifício das Fundações marcaram bastante o meu imaginário. Minha proposta era explorar todos os pavimentos e coletar impressões. Quando fui confrontado com a complexidade do problema e com a riqueza do assunto fiquei de certo modo emudecido, condição interessante quando se está iniciando uma prospecção (Santos, 2007, p. 07).

Tal fragmento nos possibilita imaginar que as mensagens que conduziram o trabalho de MV não são limitadas, e que a forma como condiciona seu trabalho pode transpassar as barreiras de sua produção, fazendo-nos questionar sobre a vida e a arte na contemporaneidade. A forma política como MV denuncia os abandonos, como registra sua identificação e entrega com os espaços percorridos na Ilha da Pólvora nos diz que ele, de certa forma, também denunciava o tratamento recebido socialmente, possibilitando-nos ver seu corpo como marginalizado, tabu da sociedade e frágil (as palavras aqui citadas foram utilizadas no seu TCC como forma de caracterizar o espaço ou o seu corpo em performance).

## Conclusão

Retomando os objetivos propostos pelo texto, foi trazida aqui leitura de arquivos de processo de criação do artista capixaba Marcus Vinicius realizados na Ilha da Pólvora, Vitória, ES, em especial os trabalhos intitulados como “Território Expandido I e II”. O percurso criado possibilita a compreensão da alma produtora que está por trás das produções de MV. A ontologia dessa vertente política e social de pesquisa justifica a necessidade de se pensar no que está sendo produzido hoje. Bem como a congruência do artista Marcus Vinicius para a reflexão da temática queer na arte capixaba.

O artista reflete, por meio de seus produtos artísticos, o imagético e performáticos, sua vida, sua obra e sua territorialidade. A contribuição sobre a maneira para a construção histórico-artística-cultural e plástica do estado do Espírito Santo é necessária. Dessa forma, reforçando indelevelmente sua importância no cenário artístico público capixaba.

Por fim, salienta-se que há, ainda, possibilidades de leituras a serem erguidas sobre o catálogo artístico de Marcus Vinicius não exploradas aqui, bem como há outras obras produzidas em solo capixaba, e fora desse, que não couberam na apresentação e que possuem um destaque no repertório artístico de MV. Enfim, o que foi demonstrado aqui é que os processos de criação de MV são um catálogo condutor de suas obras, que seus registros fotográficos e videográficos se complementam em um texto escrito e detalhado sobre sua produção como artista capixaba que desenvolve em seu trabalho, e que Marcus Vinicius possui o seu destaque nesse quesito. Suas contribuições, portanto, se tornam um dos focos no tratamento e construção de arte contemporânea capixaba.

## Referências

SANTOS, Marcus Vinícius de Souza. **Dos mapas à Ilha**: novas descobertas e possíveis apontamentos. Trabalho de conclusão de curso. Vitória: Acervo museográfico da Galeria de Arte e Pesquisa. Arquivo digital. Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. Annablume, 1998.

## Rafael Gonçalves Marotto

Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Paulista – UNIP, Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, campus Venda Nova do Imigrante, e mestrando do PPGA da UFES. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5748-6588>

## José Cirillo

Professor Titula da Universidade Federal do Espírito Santo; pós-doutor em Artes pela Universidade de Lisboa; doutor em Comunicação pela PUC-SP. É artista plástico e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Artes da UFES, desenvolve pesquisas sobre arte pública capixaba com recursos da FAPES e do CNPq.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6864-3553>